

RUBENS GODOY SAMPAIO, *O ser e os outros. Um estudo de teoria da intersubjetividade*, São Paulo, UNIMARCO, 2001, 211 p.

Este livro é fruto de minucioso e longo trabalho de investigação filosófica que viu seu coroamento com a obtenção, por parte do autor, do grau de Mestre em Filosofia pela prestigiosa Universidade Federal de Minas Gerais (1999), mas que foi gestado desde os tempos em que o autor, durante seu bacharelado junto à Faculdade de Filosofia da Companhia de Jesus, em Belo Horizonte (1992-1994), seguiu os cursos de História da Filosofia Antiga, Antropologia Filosófica e Ética dados pelo próprio filósofo que se propôs a estudar: Henrique Cláudio de Lima Vaz (1921-2002).

O título escolhido para o livro – *O ser e os outros* – redime ou corrige o que fora dado à dissertação de mestrado – *A ontologia da intersubjetividade em Henrique Cláudio de Lima Vaz* –, pois este último poderia levar ao equívoco de se pensar que para Lima Vaz a Ontologia se encerra ou teria o seu centro no âmbito da intersubjetividade, o que é decididamente impossível em sua elaboração filosófica. O discurso de Lima Vaz sobre a Ontologia vai muito além da história e da sociedade, ainda que não se construa sem elas. Esta é, pois, uma das magníficas intuições de R. G. Sampaio. Já o subtítulo do livro – *Um estudo de teoria da intersubjetividade* – tem o defeito de

não fazer menção explícita a Lima Vaz.

De um modo geral, poucas foram as modificações feitas ao texto da dissertação de mestrado, o que equivale a dizer ser o autor possuidor de um estilo límpido e elegante, privado do ranço especializado que sói caracterizar a escritura de teses acadêmicas.

Nesta sua pesquisa, o autor não pretende tomar em consideração o conjunto da obra escrita de Henrique Vaz. Todavia a percorre com cortes precisos e abrangentes, culminando principalmente numa exegese dos dois volumes da *Antropologia Filosófica*, tendo como norte para este percurso o conceito de intersubjetividade. Ainda que reconheça uma continuidade no pensamento de H. Vaz, o autor identifica-lhe três “fases” ou “jornadas”.

O livro divide-se em três capítulos, que correspondem às três fases identificadas pelo autor no pensamento de Lima Vaz. O primeiro capítulo versa sobre “A alteridade e o Absoluto nos primeiros escritos”. O autor considera o pensamento de Lima Vaz solidamente enraizado na Ontologia clássica (Platão, Aristóteles e Santo Tomás). Trata-se de um aprofundamento de *Ontologia e história*, o primeiro livro de Lima Vaz, publicado em 1968 e ora reeditado por Edições Loyola (2001). Deste livro, o autor escolhe três textos para fazer sua abordagem do pensamento de H. Vaz, vindo a observar um “deslocamento do

centro da reflexão iniciada como os clássicos e finalizada com a apresentação da categoria de consciência histórica” (p. 62). O autor demonstra a presença, em “esboço”, da *Antropologia Filosófica* de Lima Vaz em seus primeiros escritos. As já sugestivas reflexões do autor teriam sido mais enriquecidas se tivesse incluído nesse seu estudo os dois textos sobre “Cristianismo e consciência histórica”.

O segundo capítulo tem como título “O sentido da história e a compreensão do sujeito”. Trata sobretudo da influência de Hegel no pensamento de Lima Vaz. Para isto, o autor aprofunda alguns textos em que Lima Vaz se dedicou ao estudo de Hegel e sua importância para a filosofia atual. Um leitor desatento, quer da fonte (Lima Vaz), quer do estudioso (R. G. Sampaio), pode considerar este capítulo como o mais problemático, no sentido de que suscita questões sobre o papel de Hegel na filosofia de H. Vaz. Há o risco de se ver na construção filosófica de Lima Vaz a presença de Hegel como doutrina ou conteúdo, quando na verdade é apenas método e forma.

O terceiro e último capítulo – “A fundamentação ontológica da intersubjetividade” – se constitui numa indispensável bagagem instrumental para quem quiser escalar a fatigosa montanha formada pelos dois volumes da *Antropologia Filosófica* de Henrique Vaz. Neste sentido são de uma preciosa didática os gráficos feitos por R. G. Sampaio, alguns dos quais já eram conhecidos do leitor da segunda edição de *Antropologia Filosófica II* (1995). Aliás, no primeiro gráfico (p. 100), a parte referente às seções antropológicas é também identificada como “histórica”: erro, com certeza, de impressão, pois as seções dizem respeito à parte “sistemática”. Este capítulo comporta praticamente a

metade do livro e é o desenvolvimento da principal tese do autor: a reflexão de Lima Vaz repropõe ao hoje filosófico o discurso sobre o Absoluto, como fundamento para a convivência entre os homens, em vista da efetivação de uma sociedade democrática e ética.

O autor repassa suas abordagens numa magistral “Conclusão”, em que salienta os pontos-chave dos três capítulos precedentes, numa bem-sucedida tentativa de apontar para a contribuição específica que o pensamento de Lima Vaz oferece ao homem e à sociedade hodiernos.

Uma observação de caráter ortográfico: o adjetivo para designar o filósofo estudado é grafado “vazeano”, quando o correto seria “vaziano”, para seguir os ditames da formação de palavras em língua portuguesa. Mais: uma revisão detalhada nas provas do livro teria evitado as inúmeras palavras que aparecem separadas por hífen, bem como uma ou outra alusão ao contexto da tese de mestrado. Isto, porém, em nada prejudica a compreensão do leitor de ágil inteligência.

Ao final, o livro traz a bibliografia praticamente completa dos textos publicados por Lima Vaz e dos estudos sobre ele, até 2001. No entanto, falta a bibliografia geral das outras referências que aparecem no corpo do livro.

O livro de R. G. Sampaio passa a ser literatura obrigatória aos estudiosos do saudoso filósofo de Ouro Preto e deixa a todos na expectativa de que ele volte em futuros textos a aprofundar seus estudos sobre o “itinerante do ser” que foi Lima Vaz.

*Delmar Cardoso*

FRIEDRICH D. E. SCHLEIERMACHER, *Introdução aos diálogos de Platão*, Trad. de Georg Otte; revisão e notas de Fernando Rey Puente, Coleção Travessias, Belo Horizonte, Editora da UFMG, 2002, 76 p.

Um dos três primeiros títulos publicados pela nova coleção da editora da Universidade Federal de Minas Gerais – os outros são *Os filósofos e a mentira* e *Sistema novo da natureza e da comunicação das substâncias*), a *Introdução aos Diálogos de Platão*, de Friedrich Schleiermacher, traduz bem os propósitos dos editores: “possibilitar aos leitores de língua portuguesa o acesso a pequenas obras de grandes pensadores por meio de traduções fidedignas, sempre precedidas por uma breve introdução e acompanhadas de notas de esclarecimento ao texto”. Bem sabemos o quanto esse gênero de iniciativa se impõe no quadro de uma consolidação da formação filosófica no Brasil, visto que ainda carecemos muito de boas traduções dos autores clássicos.

Poderíamos nos interrogar de imediato sobre qual o sentido de se traduzir um texto de introdução à leitura dos diálogos de Platão, escrito em 1804. Diante da infinidade de obras publicadas posteriormente com o mesmo propósito, tal empresa poderia parecer descabida. Onde residiria pois a importância de um texto dessa natureza publicado há quase 200 anos? Permaneceria ainda atual a introdução que nos propõe esse especialista de hermenêutica e de filologia? Tentaremos pois, numa breve apresentação dessa obra, responder a essas questões.

Nas primeiras páginas de seu texto, F. Schleiermacher deixa claro a finalidade de sua explanação sobre as obras de Platão: “*possibilitar, através do conhecimento mais exato e imediato das mesmas, uma visão própria do espírito e da doutrina do filósofo*” (p. 30). Na identificação de seus possíveis leitores, ele distingue: 1/ aqueles que ainda não tiveram um contato direto com as obras

do filósofo, aos quais recomenda que deixem de lado o que dele conheceram de fontes secundárias; e 2/ aqueles que já possuem um juízo direto das suas obras, para os quais acredita poder contribuir para que suas próprias opiniões ganhem em abrangência e unidade, sobretudo pela descoberta de Platão como “artista filosófico”.

Sua introdução começa pela consideração das fontes biográficas do filósofo, prevenindo de imediato o leitor de que seu objetivo não é discorrer sobre Platão, mas proporcionar um confronto direto de seus textos. Seu interesse se volta, então, para uma enquete sobre qual seria o traço característico da filosofia platônica, anunciando logo as falhas que reconhece nas tentativas de sua reconstrução. Para F. Schleiermacher, tanto aqueles que insistiram no caráter sistemático da filosofia platônica quanto aqueles que se fixaram em sua natureza fragmentar não a compreenderam devidamente. O mesmo dirá daqueles que, por caminhos diferentes, se apoiaram na diferenciação entre o caráter exotérico ou esotérico de seu discurso. Ele não leva a sério tais alternativas. Entretanto reconhece o mérito da proposta dos neoplatônicos que sustentavam a existência de uma doutrina secreta, ausente dos textos do filósofo, através de uma exposição ordenada e coerente. Mas tal proposta é igualmente recusada por Schleiermacher. O que se deve reter dessa diferenciação é o esforço de Platão de encontrar um forma de escrita apta a proporcionar ao leitor, seja uma apreensão superficial de seus textos, seja uma compreensão profunda.

Segue-se, então, um exame das diferentes tentativas de ordenação dos diálogos levadas a termo ao longo da história, onde a cada vez ele identifica os princípios que as nortearam. Somente então propõe sua própria ordenação, seguindo dois tipos de divisões, ambas tripartites. A primeira dispõe os diálogos em três grupos: 1/ elementares,

que teriam em vista ensinar os princípios da dialética e introduzir o leitor nas Idéias, tratar da possibilidade e das condições para a obtenção do saber ; 2/ indiretos, em razão de seu modo de exposição, enquanto se ocupam em aplicar esse saber no terreno da ética e da física ; e, finalmente, 3/ construtivos e diretos, onde Platão unificaria as concepções anteriormente apresentadas, reunindo de modo singular teoria e práxis.

Uma questão importante que Schleiermacher examina diz respeito aos critérios subjacentes às várias tentativas de ordenação na distinção dos diálogos em autênticos e não autênticos: “*Com base em que então julgaram aqueles críticos quando aceitaram alguns diálogos e rejeitaram outros?*” (p. 57). Embora reconheça que discorrer sobre tal questão ultrapassa os limites propostos por sua introdução, reconhece que a única saída para tal impasse estaria em “*um sistema de avaliação de Platão que passa a maior parte dos escritos autênticos de Aristóteles, sistema este cujas partes particulares qualquer um, com algum exercício, facilmente aprenderia a diferenciar*” (p. 59). Isto é, em um exame das passagens ou idéias platônicas neles contidas. Nisto consistiria o fundamento crítico na consideração dos diálogos platônicos.

Além disso, Schleiermacher antecipa em sua introdução muitas das idéias que começariam a tomar corpo nos vários cursos sobre hermenêutica que ministrou a partir de 1805. Dentre essas, a preocupação com o contexto das concepções platônicas no interior do conjunto de sua obra e em seus contemporâneos; o estudo das particularidades lingüísticas do grego no século V a.C. e das limitações que encontra Platão nele; a indissociabilidade de forma e conteúdo; a compreensão do caráter dialógico do texto platônico, que evidencia como sendo a principal pretensão do filósofo a de instigar e provocar as idéias em seus leitores por meio de um diálogo vivo; a impossibilidade de um julga-

mento definitivo acerca do problema da autenticidade ou não de uma ou outra de suas obras se apoiar unicamente numa análise da linguagem, diante do que se torna imperativo como critério uma análise que considere a forma e a composição como um todo.

Certo é que, em alguns aspectos, a introdução de Schleiermacher envelheceu. Não podemos desconsiderar, por exemplo, o problema da cronologia dos diálogos. Erros e inexatidões já foram apontados na cronologia por ele proposta, como é o caso de sua classificação do Parmênides como obra inicial, que foi posteriormente considerada uma obra tardia. Destacamos também seu descaso na análise das *Leis*. Mas isso não invalida sua importância na história da constituição do texto platônico, como é observado na apresentação da obra.

Mas não podemos ignorar a atualidade da introdução de Schleiermacher, sobretudo em dois aspectos: de um lado, sua afirmação da « absoluta indissolubilidade entre forma e conteúdo nos diálogos platônicos; de outro, a importância que seu texto adquire no debate suscitado pelos representantes da escola Tübingen-Milão em sua tentativa de reconstituir as doutrinas não-escritas de Platão a partir de uma análise da tradição indireta e de indicações, presentes no próprio texto platônico, de uma doutrina esotérica. Uma leitura cuidadosa e sem preconceitos desse texto poderá contribuir para minimizar os mal-entendidos e críticas apressadas daqueles que se posicionam de um ou de outro lado na interpretação da filosofia platônica.

É por essas e outras que o presente texto, agora acessível ao leitor lusófono em tradução criteriosa, enriquecida de introdução e notas cuidadosas, representa um importante acontecimento no âmbito dos estudos da filosofia de Platão no Brasil.

Miriam C. D. Peixoto  
ISI-CES, BH